

FRASEOLETOS: REPERTÓRIOS FRASEOLÓGICOS SOB O PONTO DE VISTA DA PAROLE

Roosevelt Vicente Ferreira*

RESUMO: *O objetivo deste trabalho¹ é apresentar uma proposta sincrônica de classificação de fraseologismos sob o ponto de vista da norma individual e coletiva sugeridas por Ferreira e Marques (2022). Por meio de entrevistas e observações empíricas do comportamento linguístico de um grupo familiar, classificou-se, sob o neologismo de Fraseoletos, um grupo de estruturas denominadas de idioletos fraseológicos e ecoletos fraseológicos, provenientes da norma individual e coletiva, respectivamente. As possíveis institucionalizações foram investigadas nos dicionários brasileiros publicados nos séculos XIX a XXI, Pinto (1832), (Lima; Barroso, 1938), Nascentes (1961-1969), Ferreira (1975), (MICHAELIS...,1998), Ferreira (1999), Houaiss (2001), Borba (2004), Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Aulete (2011), e nos dicionários fraseográficos de Nascentes (1945), Cascudo (1977), Pugliesi (1981), Fontes Filho (2006) e Urbano (2018). Os dados mostraram que os idioletos fraseológicos, na sua maioria, podem representar os fraseologismos que jamais saíram da fase oral, dessa forma, não são institucionalizados, e aqueles que podem estar inseridos em uma obra dicionarística, mas que, sob o ponto de vista familiar, apenas um falante faça uso, normalmente usando uma variante peculiar. Já os ecoletos fraseológicos, são formados por expressões que são utilizadas de forma restrita no ambiente familiar ou na interação entre os componentes, não sendo encontrados institucionalizados no sistema linguístico. Ainda que saibamos que seja necessário um maior aprofundamento teórico, esperamos que esta breve pesquisa contribua com estudos que nos levem ao conhecimento completo do inventário fraseológico brasileiro.*

PALAVRAS-CHAVE: *Fraseologismo; norma individual; norma coletiva.*

RESUMEN: *El objetivo de este trabajo es presentar una propuesta sincrónica de clasificación de fraseologismos desde el punto de vista de la norma individual y colectiva sugerida por Ferreira y Marques (2022). A través de entrevistas y observaciones empíricas del comportamiento lingüístico de un grupo familiar, se clasificó bajo el neologismo de fraseoletos un conjunto de estructuras denominadas idiolectos fraseológicos y ecolectos fraseológicos, originadas a partir de la norma individual y colectiva, respectivamente. Se investigaron posibles institucionalizaciones en diccionarios brasileños publicados entre los siglos XIX y XXI, Pinto (1832), (Lima; Barroso, 1938), Nascentes (1961-1969), Ferreira (1975), (MICHAELIS...,1998), Ferreira (1999), Houaiss (2001), Borba (2004), Houaiss (2009), Ferreira (2010) y Aulete (2011), y en los diccionarios fraseográficos de Nascentes (1945), Cascudo (1977), Pugliesi (1981), Fontes Filho (2006) y Urbano (2018). Los datos mostraron que los idiolectos fraseológicos, en su mayor parte, pueden representar unidades fraseológicas que nunca abandonaron la fase oral, por lo que no están institucionalizadas, y aquellas que pueden insertarse en una obra de diccionario, pero que, desde el punto de vista familiar, sólo un hablante hace uso de él, normalmente usando una variante peculiar. Los ecolectos fraseológicos, en cambio, están formados por expresiones que se utilizan de forma restringida en el ámbito familiar o en la interacción entre componentes, y no se encuentran institucionalizadas en el sistema lingüístico. Si bien sabemos que es necesaria una mayor profundidad teórica, esperamos que esta breve investigación contribuya a estudios que nos conduzcan a un conocimiento completo del inventario fraseológico brasileño.*

¹ ¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/MEC – Brasil.

INTRODUÇÃO

Há muito tempo que grandes pensadores da linguagem se preocupam com o fenômeno linguístico caracterizado pela capacidade de certas unidades lexicais se agruparem em níveis diversos de solidariedade e metaforização onde, em um diálogo contínuo, consolidam ou não um afastamento da literalidade, em prol de um conjunto uníssono de sintaxe e significação. Habitam esse universo de combinações estáveis e modelos sintáticos pré-estabelecidos, as nominadas unidades fraseológicas, polilexicais ou pluriverbais, de cunho categoriais, as expressões idiomáticas, os ditos populares, os modismos, os provérbios, dentre outros, que perambulam no universo paremiológico, assim como os enunciados de rotina.

A frequência do uso dessas estruturas em todos os gêneros comunicacionais, na maioria das vezes de forma inconsciente pelos falantes, suscitou visões interessantes da motivação linguística dos usos das estruturas pluriverbais. Whitney (1875) relaciona o significado reduzido das combinações lexicais ao uso de recursos decorativos (forma especial de atenção) pelos falantes. O neogramático Hermann Paul (1880) defensor da linguagem como ciência natural, prega que as ideias das relações sintáticas originam no meio ambiente e passam a constituir associações complexas na alma do indivíduo, sendo apenas uma pequena parte realizada conscientemente. Por sua vez, Saussure (2012 [1916]) afirma que as significações das partes das frases feitas não podem ser improvisadas por serem consolidadas pela tradição.

O campo poliédrico da Fraseologia fornece a possibilidade de estudos que dialogam com diversas áreas, como a lexicografia, a terminologia e a literatura, e a pluridimensionalidade dos estudos linguísticos concebe a oportunidade de se investigar as estruturas pluriverbais pelos diversos pontos de vista. Foi por essa possibilidade que Ferreira e Marques (2022, p.18) propuseram caminhos sincrônicos e diacrônicos dos fraseologismos sob a perspectiva da norma coseriana, e concluíram que:

Seguramente a construção de um corpus representativo poderá confirmar a existência dos fraseologismos nas competências individuais, familiares e em grupos sociais diversos, bem como o caminho histórico proposto. Esse desafio se mostra necessário e justifica o prosseguimento de estudos futuros acerca do tema.

Nesta pesquisa, então, apresentamos o prosseguimento da proposta sincrônica, no qual sugerimos e classificamos fraseologismos sob a terminologia de *fraseoletos*, deslocando o deslocamento do ponto de vista para a norma individual, concebendo uma pesquisa de cunho descritivo, sendo os dados coletados por meio de entrevistas e observações empíricas.

1. PROPOSTA SINCRÔNICA

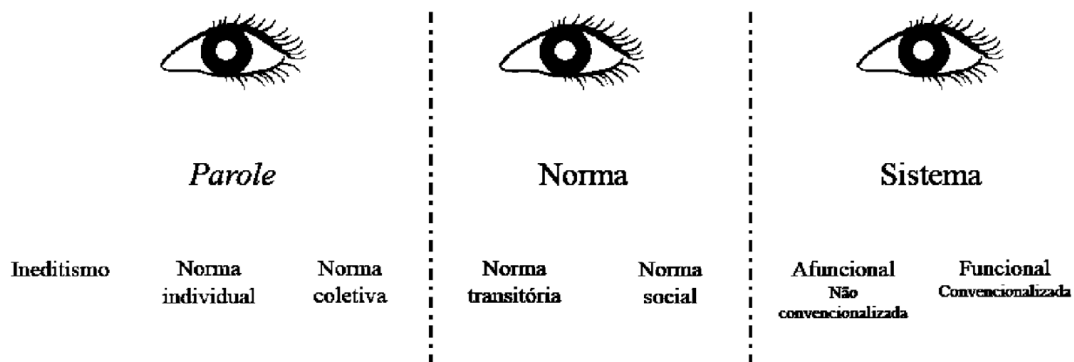
Ferreira e Marques (2022), ancorados nas premissas disponibilizadas nas obras de Coseriu (1951, 1959, 1962, 1977), propõem novos momentos sincrônicos acessados por pontos de vistas distintos aos campos da tríade coseriana *parole x norma x sistema*. As fotografias sincrônicas sugeridas trazem novas percepções linguísticas na tricotomia para o posicionamento de um fraseologismo verbalizado por um falante em um contexto social-linguístico.

Dessa forma, então, os pesquisadores preconizam, sob o ponto de vista da *norma* e sob uma percepção diacrônica, que os fraseologismos podem ser classificados como pertencentes à *norma transitória* ou à *norma social*. Na primeira estão as estruturas “em teste” aguardando a aceitação social e na segunda as que já foram inventariadas no *sistema* e ganharam o *status* de norma geral na comunidade linguística pertinente. Sugerem, também, que, por extensão, se se desloca o ponto de vista para o *sistema*, um fraseologismo verbalizado pode estar acervado no *sistema* da comunidade linguística, sendo dessa forma convencionalizado e funcional ou ainda não ter sido homologado, sendo assim, não convencionalizado ou afuncional.

Para eles, a dupla abstração do conceito de *norma* consolida a existência de atos linguísticos subjetivos e originais e dos que fazem parte do regramento social em um grupo linguístico específico, percepções estas que proporcionam a possibilidade de movermos o ponto de vista para a *parole* e visualizarmos que um fraseologismo verbalizado num ato linguístico individual pode ser uma estrutura inédita, fruto da criatividade ou empréstimo, ser uma norma individual do falante ou já pertencente a uma norma coletiva.

Em resumo, as reflexões sobre a dupla abstração da *norma* concebida por Coseriu (1959, 1967 [1962]) e o papel sincrônico dos campos da *norma* e *sistema*, dão-nos a possibilidade de inferir que os enunciados linguísticos manifestados no campo concreto participam de construções mentais diferenciadas, conforme o posicionamento do ponto de vista nos domínios da tríade coseriana. Assim, sob o ponto de vista da *parole*, podemos perceber as realizações classificadas como *ineditismo linguístico*, *norma individual* e *norma coletiva*. Sob a ótica da *norma*, podemos vislumbrar a *norma transitória* e a *norma social* sistematizada funcionalmente, e, finalmente, sob o panorama do *sistema*, apontamos as unidades que são convencionalizadas ou não, ou funcionais ou afuncionais. Estas percepções estão sintetizadas na Figura 1.

Figura 1 – Visão sincrônica dos elementos linguísticos na tríade coseriana



Fonte: Ferreira e Marques (2022)

Ferreira e Marques (2022) apontam que essas novas percepções acontecem pelo deslocamento de pontos de vista, o qual percorre sincronicamente as abstrações da norma proposta por Coseriu (1959, 1967 [1962]). Na primeira fotografia sincrônica, sob o ponto de vista da *parole*, o fraseologismo verbalizado no ato concreto da fala pode ser classificado como *inédito* ou pertencente à *norma individual* ou à *norma coletiva*. O *ineditismo* fraseológico pode ser fruto de uma criação momentânea do indivíduo ou uma repetição de uma construção linguística ouvida em outro grupo linguístico e até mesmo uma tradução de uma outra língua. Para a observação do *ineditismo*, é preciso levar em consideração a perspectiva do grupo social onde o ato concreto é realizado. A estrutura pode ser inédita em um grupo e já ser uma *norma coletiva* em outro.

Por sua vez, a *norma individual* abarca os fraseologismos que integram o acervo linguístico de um falante. Essas unidades podem ser repetidas por outros falantes no mesmo grupo ou em outros, a partir de uma chamada introdutória: “como diz ou dizia fulano de tal...”. Já os fraseologismos entendidos como pertencentes à *norma coletiva*, são construções que, sob o panorama da *parole*, são internalizadas por uma comunidade linguística, integrando um *sistema* próprio que pode ou não estar convencionado no *sistema* da língua. Esses grupos podem ser famílias, grupos profissionais e até mesmo grupos de lazer. Esses pressupostos nos permitem inferir que, sob o prisma da *parole*, o ângulo social recai nos pequenos ou subgrupos que formam uma comunidade linguística plena. Essa ideia corrobora o que preza Coseriu (1959) ao postular que a norma é variável segundo os limites da comunidade considerada, limites que se estabelecem convencionalmente.

Nesse caminho, destacam os autores que ao movimentarmos o ponto de vista para a *norma*, a ótica social se desloca para a comunidade linguística detentora da *langue*. Sob esse aspecto, é proposto, então, um campo transitório onde os fraseologismos pertencentes aos subgrupos sociais e os que estão sendo “repetidos” aguardam a homologação pelo *sistema funcional*, e o domínio da *norma social* que abrange as

estruturas utilizadas como um regramento pelo *sistema*, caracterizando a segunda abstração da *norma* proposta por Coseriu (1959, 1967 [1962]).

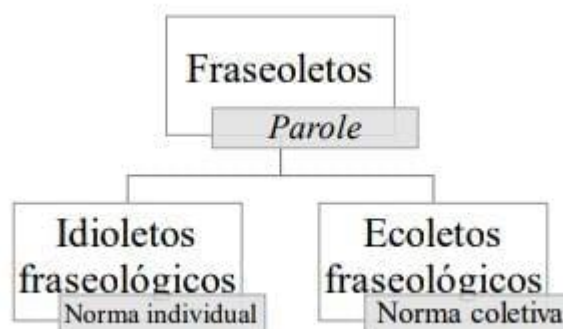
Finalmente, ao abordarem sob a ótica do *sistema*, os pesquisadores enfatizam que no ato concreto da fala podem ser formulados fraseologismos que já estão convencionalizados no acervo institucional e funcional e, também, aqueles que ainda não foram admitidos como estrutura da língua, e desse modo, não convencionalizados sob a ótica sincrônica. Os primeiros, normalmente, são dicionarizados como parte do acervo linguístico geral de uma comunidade linguística, e os demais se apresentam como variantes regionais ou em processo de consolidação no acervo sistêmico.

2. FRASEOLETOS

Estacionando o ponto de vista, sob uma abordagem sincrônica, na *parole*, vimos que o fraseologismo verbalizado no ato concreto da fala pode ser classificado como *inédito* ou pertencente à *norma individual* ou à *norma coletiva*. Nesta pesquisa focamos nas estruturas normativas, que por um neologismo particular passamos a chamá-las de *Fraseoletos*. Tal terminologia é decorrente da formação sufixal de *fraseo* + *leto*, a base representa *fraseologismo* e o sufixo provém da palavra *lecto* que é derivada do grego *léksis*, significando “palavra, ação de falar”.

Dessa forma, propomos duas possibilidades de classificação para os atos concretos do falar fraseológico sob o ponto de vista da *parole* (figura 2): os *idioletos fraseológicos* que são compostos pelos fraseologismos situados na *norma individual*, ou seja, compõem o repertório linguístico de um falante, e normalmente, são repetidos pelos outros falante do grupo com uma chamada introdutória: “como diz ou dizia fulano de tal...”; e os *ecoletos fraseológicos* representados pela *norma coletiva* que forma um *sistema* próprio do grupo linguístico, podendo ou não estarem situados em outros grupos ou no *sistema* da língua.

Figura 2 – Fraseoletos



Fonte: Elaboração do autor

Diante disso, traçamos, então o caminho metodológico para colocar em prática o intento desta pesquisa, de cunho descritivo, que tem como comunidade linguística de análise um grupo familiar.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

O universo pesquisado recaiu sobre uma família composta de uma matriarca de 74 anos e seis filhos, sendo quatro do sexo masculino, com idades de 53, 51, 48 e 46 anos, e duas do sexo feminino, com idades de 55 e 44 anos. Os dados iniciais foram levantados por meio de entrevistas particulares e coletivas e observações empíricas.

As estruturas de caráter fraseológicas coletadas foram agrupadas em dois universos distintos: *idioletos fraseológicos* e *ecoletos fraseológicos*. Os repertórios foram devidamente definidos com as situações de usos e buscamos as possíveis institucionalizações por meios de inserções em obras lexicográficas, nos dicionários brasileiros publicados nos séculos XIX a XXI, Pinto (1832), (Lima; Barroso, 1938), Nascentes (1961-1969), Ferreira (1975), (MICHAELIS...,1998), Ferreira (1999), Houaiss (2001), Borba (2004), Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Aulete (2011), e nos dicionários fraseográficos de Nascentes (1945), Cascudo (1977), Pugliesi (1981), Fontes Filho (2006) e Urbano (2018).

Finalmente, analisamos e interpretamos os resultados e sugerimos novas classificações e pesquisas futuras no campo normativo individual e coletivo dos *Fraseoletos*.

4. RESULTADOS E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Na interação com os componentes da família, observamos que o foco dos fraseologismos, que compõem a norma linguística do grupo, irradiam da matriarca, dessa forma focamos no levantamento dos fraseologismos que compõem os *idioletos fraseológicos* pertinente ao falar da senhora e das estruturas que formam o inventário do *ecoletos fraseológico*.

A investigação proporcionou a possibilidade da classificação de 30 fraseologismos como *idioletos fraseológicos* pertencentes à norma individual da matriarca da família, estruturas pluriverbais que são utilizadas na interação comunicativa da genitora com os filhos, e entre os herdeiros utilizando sempre o destaque interjetivo da origem: “como diz a mãe ou como diz a veia ou como diz a Dona [...]”. No repertório é possível notar a existência de expressões com grande carga preconceituosa e racista.

Em relação à *norma coletiva*, foi possível observar apenas 2 fraseologismos que podem ser considerados *ecoletos fraseológicos* na interação linguística do grupo familiar.

4.1 IDIOLETOS FRASEOLÓGICOS

Alegria em casa de pobre não dura – expressão utilizada para alertar aos integrantes da família quando esses demonstram muita felicidade através de falatórios ou algazarras.

Obras fraseográficas	Inserções (variantes)	Definições
Fontes Filho (2006)	Alegria de pobre dura pouco Alegria de pobre é um dia só	Pobre nunca é feliz.
Urbano (2018)	Alegria de pobre dura pouco	As coisas boas duram pouco, acabam antes dos desfrutes. <i>Puxa vida, alegria de pobre dura pouco, meu time só venceu duas.</i> (não tem o mesmo sentido)

Andar mais rápido que notícia ruim – adjetivo dado a uma pessoa que se desloca com rapidez e desenvoltura.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Cachorro quanto mais magro, mais pulguento – expressão utilizada para reclamar de uma postura que demonstra falta de humildade.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Cagar fora da lata – ação atribuída a alguém que inesperadamente vacila na realização de algo ou em um comportamento.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Colocar a (minha) vinte e um – ação de se vestir com a melhor roupa, a roupa de sair de casa, de passear.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Completar a caracha – expressão utilizada quando um acontecimento piora uma situação que já era tida como ruim.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Contar com o ovo no cu da galinha – mostrar otimismo no acontecimento de algo que ainda não há evidências ou probabilidade de acontecer.

Obras lexicográficas	Inserções (variantes)	Definições
Ferreira (1975)	Contar com o ovo na bunda da galinha	Bra. Chulo. Fazer planos com base em coisa incerta; contar com o ovo no cu da galinha.
Obras fraseográficas	Inserções (variantes)	Definições
Nascentes (1945)	Contar com o ovo na bunda da galinha.	Fazer planos sobre coisa incerta.
Pugliesi (1981)	Contar com o ovo no cu da galinha.	Planejar a partir de bases incertas.

Fontes Filho (2006)	Contar com o ovo no cu da galinha. Contar com o ovo na bunda da galinha.	Antecipar o resultado positivo; fazer planos com base em coisa incerta.
Urbano (2018)	Contar com o ovo dentro/na barriga/na bunda/no cu/no interior/da galinha.	Esperar algo pouco provável antecipadamente, fazer planos com base em coisa incerta, ninguém conte vitória antes da batalha. <i>Não vou contar com o ovo no cu da galinha, só posso gastar o que tenho no bolso.</i>

Custar ou querer um negro e um cachimbo – expressão racista que significa que algo custa muito caro ou se pede um alto valor por algo.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Dar um nó – expressão usada para alguém que engana ou ludibria outra pessoa.

Obras fraseográficas	Inserções (variantes)	Definições
Urbano (2018)	Dar um nó.	Complicar. <i>Vou dar um nó nesse cara, vai pagar dobrado.</i>

Estar mais amargo que a minha vida – expressão utilizada para adjetivar um alimento que para o provador ou alguém que se alimenta se apresenta muito amargo.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Estar mais quente que negro em baile – expressão racista utilizada para demonstrar quando algo ou o clima está muito quente.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Falar mais que o homem da cobra – expressão utilizada para adjetivar uma pessoa que fala muito, que fala “pelos cotovelos”.

Obras fraseográficas	Inserções (variantes)	Definições
Fontes Filho (2006)	Falar mais que o homem da cobra.	Falar muito.

Ir ou estar de mala e cuia – expressão utilizada quando uma pessoa transporta muitas coisas ou materiais desnecessários em uma viagem ou deslocamento.

Obras lexicográficas	Inserções (variantes)	Definições
Ferreira (1999)	De mala e cuia.	Bra. V. Com armas e bagagens.
Houaiss (2001)	De mala e cuia.	B Infrm. m. q. Com armas e bagagens.
Aulete (2011)	De mala e cuia.	Bras. Com todos os pertences.
Obras fraseográficas	Inserções (variantes)	Definições
Fontes Filho (2006)	De mala e cuia. Com armas e bagagens. De armas e bagagens.	Com todos os pertences. <i>A filha <u>chegou</u> de mala e cuia.</i>

Urbano (2018)	De mala e cuia.	Com todos os pertences. <i>Mudou-se para aqui de mala e cuia e pretende ficar.</i> Usada com vários verbos alternativos. Não permite inversão de ordem.
---------------	-----------------	---

Isso não regula – expressão utilizada para demonstrar que não concorda com um ponto de vista ou com a consequência de algo.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Não negar a raça – expressão com certa carga racista utilizada para confirmar um comportamento previsível supostamente herdado de familiares ou grupo minoritários.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Borba (2004) - *negar* (4. Deixar de revelar, ocultar. Seus traços não negam a raça);

Não saber determinar – expressão de alerta para que não sabe administrar os seus ganhos financeiros.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Não ter pé nem cabeça – algo que não há possibilidade de entendimento.

Obras lexicográficas	Inserções (variantes)	Definições
Borba (2004)	Sem pé nem cabeça.	Sem sentido, despropositado, disparatado. <i>Elogiar aquele sistema de ensino é uma coisa sem pé nem cabeça.</i>
Ferreira (2010)	Não ter pé nem cabeça.	Não fazer sentido. Ser um absurdo.
Obras fraseográficas	Inserções (variantes)	Definições
Nascentes (1945)	Sem pé(s) nem cabeça.	Despropositado, disparatado, desarrazoado.
Pugliesi (1981)	Não ter pé nem cabeça.	Sem começo, nem fim, disparatada.
Urbano (2018)	Sem pé(s) (e) nem/sem cabeça ou não tem pé(s) (e) nem cabeça.	Sem sentido, coisa monstruosa, incompreensível. A expressão é usada alternativamente com vários verbos, dependendo dos diferentes contextos, podendo também aparecer precedida de vulgarismos léxicos ou palavras afins, como “coisa(s), negócio, história(s)”, etc.

Nunca ver mais gordo – expressão utilizada para confirmar nunca ter visto algo ao alguém.

Ferreira (1999) –

Obras lexicográficas	Inserções (variantes)	Definições
Ferreira (1999)	Nunca ter visto mais gordo.	Bras. Nunca ter avistado anteriormente, desconhecer de todo.
Obras fraseográficas	Inserções (variantes)	Definições
Nascentes (1945)	Nunca ter visto mais gordo.	Expressão com que se revela o total desconhecimento de uma pessoa.

Pugliesi (1981)	Nunca ter visto mais gordo.	Desconhecer totalmente uma pessoa; jamais ter visto.
Fontes Filho (2006)	Nunca ter visto mais gordo.	Não conhecer.
Urbano (2018)	Nunca ter visto alguém mais gordo.	Não conhecer, nunca ter visto antes. <i>Não posso confiar numa pessoa que nunca vi mais gorda.</i>

O que não parece com o dono é roubado – expressão utilizada para atribuir a algo ruim a similaridade como o caráter ou aparência do autor.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

O que tem a ver o cú com as calças? – questionamento a uma posição que não tem nada a ver com o assunto.

Obras lexicográficas	Inserções (variantes)	Definições
Houaiss (2001)	O que tem o cu com as calças?	Fraseol. ?. O que uma coisa tem a ver com a outra? – us. Para mostrar que não há analogia entre coisas anteriormente relacionadas.
Aulete (2011)	O que tem (a ver) o cu com as calças?	Tabu. O que é que uma coisa tem a ver com (a) outra?
Obras fraseográficas	Inserções (variantes)	Definições
Nascentes (1945)	Que tem o cu com as calças.	Que tem uma coisa com outra?

Parecer que vai para a guerra – alerta dado a alguém que executa algo apressado.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Obras fraseográficas	Inserções (variantes)	Definições
Fontes Filho (2006)	Parecer que foi à guerra.	Estar em péssimo estado de conservação. <i>Esse seu paletó parece que foi a guerra.</i>

Pensando, morreu um burro velho – alerta dado a uma pessoa que demora a responder ou fazer algo com a desculpa que está pensando.

Obras fraseográficas	Inserções (variantes)	Definições
Nascentes (1945)	Pensando morreu um burro.	Advertência que se faz a quem diga que pensa ou pensou em alguma coisa.
Cascudo (1977)	Pensando morreu o burro.	Resposta gaiata e popular à frase “Estou estudando” ou “Estou pensando”.
Pugliesi (1981)	Pensando morreu um burro.	Advertência sobre a necessidade de executar prontamente projetos.
Urbano (2018)	De pensar/pensando morreu um burro.	É o que se diz de alguém que parece estar muito pensativo e concentrado. <i>Ele pensou que eu fosse me arrepender, mas de pensar morreu um burro.</i>

Quando a galinha criar dente – expressão para afirmar que algo ou alguma coisa jamais vai acontecer.

Obras lexicográficas	Inserções (variantes)	Definições
Ferreira (1975)	Quando as galinhas criarem/tiverem dentes.	Pop. Nunca, jamais; quando as galinhas tiverem dentes.
(MICHAELIS...,1998)	Quando as galinhas criarem/tiverem dentes.	Nunca, em tempo algum.
Ferreira (1999)	Quando as galinhas criarem dentes.	Pop. Nunca, jamais; quando as galinhas tiverem dentes.
Houaiss (2001)	Quando as galinhas criarem (ou tiverem) dentes.	Nunca, jamais.
Houaiss (2009)	Quando as galinhas criarem ou tiverem dentes	Nunca. Jamais.
Ferreira (2010)	Quando as galinhas criarem dentes.	Pop. Nunca, jamais; quando as galinhas tiverem dentes.
Aulete (2011)	Quando as galinhas criarem/tiverem dentes.	Nunca, jamais.
Obras fraseográficas	Inserções (variantes)	Definições
Nascentes (1945)	Quando as galinhas tiverem dentes.	Nunca, em tempo algum.
Fontes Filho (2006)	Quando a galinha criar dentes. Quando as galinhas criarem dentes. Quando as galinhas tiverem dentes.	Nunca.
Urbano (2018)	Quando as galinhas tiverem/criarem dentes.	Nunca, jamais. São usadas em vários contextos vinculadas a vários verbos.

Ser cheio de bosta de galinha – expressão utilizada para adjetivar uma pessoa como “cheia de frescura” ou supérflua.

Obras fraseográficas	Inserções (variantes)	Definições
Nascentes (1945)	Bosta-de-galinha.	(Maranhão). Presunção, convencimento.

Ser do tempo do Ari Pitoco – expressão utilizada para atribuir a alguém ou algo como sendo de um tempo bem antigo.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Ser mais comprido que esperança de pobre – expressão utilizada para reclamar que um ponto de destino é muito longe ou a um acontecimento que demora muito para se realizar. Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Ser ou estar mais enrolado que cabelo de negro - expressão racista que significa que algo demora para se realizar ou uma instituição ou pessoa que demore para realizar algo. Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Sofrer mais que sovaco de aleijado – expressão utilizada para adjetivar uma pessoa que sofre ou sofreu muito.

Obras lexicográficas	Inserções (variantes)	Definições
Ferreira (1999)	Sofrer que só sovaço de aleijado.	Bras. N.E. Pop. Sofrer muito. Sofrer que só pé de cego.
Houaiss (2001)	Sofrer que nem sovaço de aleijado.	B.N.E. Infrm. Sofrer muito [Alusão ao aleijado que usa muletas].
Houaiss (2009)	Sofrer que nem sovaço de aleijado.	B. Sofrer muito – alusão ao aleijado que usa muletas.
Ferreira (2010)	Sofrer que só sovaço de aleijado.	Bras. N.E. Pop. Sofre muito. Sofrer que só pé de cego.
Aulete (2011)	Sofrer que só sovaço de aleijado.	N.E. Pop. Sofrer muito (como a axila de quem usa maletas).
Obras fraseográficas	Inserções (variantes)	Definições
Fontes Filho (2006)	Sofrer como sovaço de aleijado. Sofrer como sovaço de aleijado em muleta.	Sofrer muito.

Sossegar o facho – solicitação a alguém que se mostra entusiasmado ou agitado com algo.

Obras lexicográficas	Inserções (variantes)	Definições
Ferreira (2010)	Sossegar o facho.	Bras. Fam. V. Abaixar o facho. Abaixar o facho: Bra. Fam. Acalmar-se, aquietar-se (quem está muito agitado).
Aulete (2011)	Sossegar o facho.	Bras. Fam. V. Abaixar o facho. Abaixar o facho: Bras. Fam. Diminuir ou ter diminuído o entusiasmo, a vitalidade.
Obras fraseográficas	Inserções (variantes)	Definições
Nascentes (1945)	Sossegar o facho.	Aquietar-se.

Tirar do cú com gancho – expressão utilizada para nominar algo que não se espera ser citado, algo ultrapassado ou obsoleto.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

4.2 ECOLETOS FRASEOLÓGICOS

Ver o poirão lá em coxim – expressão utilizada, sempre na primeira pessoa do singular, para duvidar com ar irônico ou desafio de uma ação realizada ou prometida por alguém.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

Virar dançarino – expressão utilizada para “tirar sarro” de alguém que passou por um feito malsucedido.

Não foram encontradas inserções nas obras analisadas.

5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Na análise dos *idioletos fraseológicos* podemos verificar que 40% das estruturas foram percebidas nas obras dicionarísticas pesquisadas, sendo desse montante, 41% formadas por variantes sintáticas e duas homógrafas: “dar um nó” e “parecer que vai para a guerra”. Verificamos, também, a existência de duas inserções de variantes formadas por estruturas nominais, ou seja, sem o verbo restritivo como componente: “bosta-de-galinha”, com marcação diatópica de “Maranhão”, e o fraseologismo “de mala e cuia”. Não foram encontradas inserções das estruturas pluriverbais classificadas como *ecoletos fraseológicos*.

Diante desses dados, podemos observar que há *idioletos fraseológicos*, na sua maioria, que podem representar os fraseologismos que jamais saíram da fase oral, dessa forma, não são institucionalizados, e aqueles que podem estar inseridos em uma obra dicionarística, mas que sob o ponto de vista familiar, apenas um falante faça uso, normalmente usando uma variante peculiar. Concebemos, dessa forma, a possibilidade da existência de 3 tipos de *idioletos fraseológicos*:

- *Idioletos fraseológicos particulares* – são os que fazem parte de um repertório individual que não é encontrado em obras lexicográficas ou em outros grupos, dessa forma, não fazendo parte do sistema linguístico maior.
- *Idioletos fraseológicos variacionais* - são os fraseologismos dos quais são encontradas apenas variantes institucionalizadas.
- *Idioletos fraseológicos sistematizados* – são aqueles que estão ou foram institucionalizados no sistema, mas que no aspecto normativo do grupo, são verbalizados especificamente por um falante.

Nesse caminho, podemos observar que os *ecoletos fraseológicos* são formados por expressões que são utilizadas restritamente e entendidas no ambiente familiar ou na interação entre os componentes, não sendo encontrados institucionalizados no sistema linguístico maior. Essas estruturas provavelmente evoluem de um *idioleto fraseológico particular* ao serem adotados linguisticamente pelos integrantes do grupo familiar.

Todos esses aspectos fazem percebermos que a fraseologia institucionalizada, sob o ponto de vista do sistema, é apenas uma parte do repertório real que é concretizado na fala, já que o inventário se mostra muito maior quando concebemos os fraseologismos que, sob o ponto de vista da *parole*, conformam os *idioletos* e *ecoletos fraseológicos*.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho de dar uma continuação aos aspectos sincrônicos de fraseologismos, propostos por Ferreira e Marques (2022), oportunizou a sugestão de singularidades fraseológicas percebidas sob o ponto de vista da *parole*, estacionadas no panorama da norma individual e norma coletiva.

Sobre a alcunha de *Fraseoletos*, tivemos a oportunidade de mostrar quão é rico o repertório de estruturas pluriverbais fraseológicas que perambulam em sistemas linguísticos de grupos específicos e em sistemas particulares. Obviamente que sabemos que estas breves sugestões carecem de olhares teóricos mais profundos, para a consolidação e complementação de pontos metodológicos.

No entanto, cremos que esse pontapé inicial, onde destacamos a importância de estudos fraseológicos sob pontos de vista diferenciados, pode contribuir sobremaneira na possibilidade de estudos que nos levem ao conhecimento completo do inventário fraseológico brasileiro.

Cabe-nos, como próximo passo, buscarmos as motivações originárias dos fraseologismos aqui classificados, com a ajuda dos pressupostos teóricos e metodológicos da Fraseologia Histórica, como forma de enriquecer o entendimento dos comportamentos linguísticos diacrônicos dos fraseologismos brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, Francisco Júlio de Caldas. **Novíssimo Aulete. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa.** São Paulo: Lexikon, 2011.

BORBA, Francisco da Silva. (Org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Locuções tradicionais no Brasil.** Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

COSERIU, Eugenio. **Introducción a la lingüística.** Madrid: Editorial Gredos, 1986 [1951].

COSERIU, Eugenio. **Sistema, norma e fala.** Comunicação enviada ao VIº Congresso Internacional de Linguistas. Coimbra: Livraria Almedina, 1959.

COSERIU, Eugenio. **Teoría del lenguaje y lingüística general.** Madrid: Editorial Gredos, 1967 [1962].

COSERIU, Eugenio. **Principios de semántica estructural.** Versión española de Marcos Martínez Hernández. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa: século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Dicionário Aurélio**. São Paulo: Editora positivo, 2010.

FERREIRA, Roosevelt Vicente; MARQUES, Elizabete Aparecida. **Caminhos sincrônicos e diacrônicos de fraseologismos na tricotomia coseriana**: uma proposta. REVISTA ALPHA. v.23, p.9 - 19, 2022.

FONTES FILHO, Aristides. **O dito pelo não dito**: dicionário de expressões idiomáticas. São Paulo: Libra Três, 2006.

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: A Noite S A Ed., 1939-1944. 5v.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; MELLO FRANCO, Francisco Manoel de. **Dicionário do português atual Houaiss**. Lisboa: Círculo Leitores, 2011. 2v.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIMA, Hildebrando; BARROSO, Gustavo. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

MICHAELIS: **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

NASCENTES, Antenor. **Tesouro da fraseologia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1961-1969. 4v.

PAUL, Hermann. **Princípios fundamentais da história da língua**. Tradução de Maria Luisa Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966 [1880].

PUGLIESI, Márcio. **Dicionário de expressões idiomáticas**: locuções usuais da língua portuguesa. São Paulo: Editora Parma, 1981.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2012. [1916].



URBANO, Hudinilson. **Dicionário brasileiro de expressões idiomáticas e ditos populares**. São Paulo: Cortez, 2018.

WHITNEY, William Dwight. **A vida da linguagem**. Tradução de Marcio Alexandre Cruz. Petrópolis: Editora Vozes, 2010 [1875].

* Pós-doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL), da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC), na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: roosevf@uol.com.br.